

Videobrasil começa hoje em São Paulo e põe a emoção em foco

Poetas da tecnologia

Divulgação

JOÃO WADY CURY

SÃO PAULO — O Videobrasil, maior evento de videoarte do país, será apresentado no Rio pela primeira vez este ano, quando chega à décima edição. Os cariocas poderão visitar as videoinstalações de grandes nomes da arte no mundo, como a americana Rita Myers e o inglês George Snow, de 29 de novembro a 4 de dezembro na Fundação Progresso e na Casa da Gávea. O evento passa antes por São Paulo, onde começa hoje no Sesc Pompéia e no Centro Cultural São Paulo.

— Procuramos reunir artistas já consagrados e iniciantes — informa a videasta Solange Farkas, curadora da mostra.

O tema deste ano é “poesia”. Com isso, Solange pretendeu associar a mostra mais a aspectos artísticos do que tecnológicos:

— Queremos que esta edição fique marcada pelo poder de emocionar os visitantes.

O festival terá cinco **performances**, 12 instalações, uma retrospectiva e a mostra competitiva. Um dos grandes atrativos deverá ser o panorama da arte em vídeo de vários países.

Além disso, no Centro Cultural São Paulo, serão realizadas conferências dos curadores internacionais, nas quais serão discutidas questões atuais como o impasse criado pela videoarte: muitas das obras perdem a possibilidade de ser apresentadas após curto espaço de tempo, já que suportes tecnológicos caducam rapidamente.



“God for all”, de Roberto Berliner: retrato de cristãos reunidos no Rio

Das 12 instalações que serão apresentadas em São Paulo, contudo, apenas cinco seguirão para o Rio. Solange diz que, neste primeiro ano, o Rio verá apenas uma mostra-piloto.

Entre os brasileiros selecionados para apresentações especiais estão Eder Santos, que fará a **performance** “Postcatidevium”; Marcelo Tás, com a instalação “A casa dos monstros”; e Carlos Nader, com “Tempo vento morte, luz vento luz”. Nader criou uma estrutura linear que obriga o espectador a percorrer um corredor de dez metros, até chegar a uma sala em que se opõem vida (representada por imagens de um casal que copula) e morte (o vento contra o qual

caminha cada indivíduo). Ao longo do percurso, o visitante anda contra uma ofuscante luz estroboscópica. Ao chegar ao fim, depare-se com forte vento, incapaz, contudo, de apagar a chama de uma vela representada virtualmente numa tela. Não se trata, contudo, de uma situação de conflito.

— Hoje, pode-se ver um sentido libertador na célebre frase existencialista “a gente vive para a morte”. Se o único fim é a morte, todas as possibilidades estão abertas. Sem pessimismo — diz Nader.

Uma das obras já polêmicas é a da americana Myers. Um modelo nu deverá ficar deitado por longo tempo durante sua **perfor-**

“Enfatizamos o poder de a arte em vídeo emocionar os espectadores”

Solange Farkas, curadora

mance. A partir de uma dupla inspiração — a morte de seu pai em 1993 e o quadro “The dream of the virgin” — ela criou “Resurrection body”.

— É uma instalação com um homem nu plugado em aparelhos de medição de batimentos cardíacos numa cama gigante. Pendendo acima dele há uma árvore. A seu lado, há uma cama menor com uma árvore eletrônica, formada por pequenos monitores. Com essa obra, quis trazer a espiritualidade através da tecnologia — diz Myers.

Entre as atrações da mostra competitiva está “God for all”, de Roberto Berliner. Em 38 minutos, ele faz um retrato do pensamento jovem a partir de 66 depoimentos de cristãos reunidos em 1993 num encontro que juntou 500 pessoas de 81 países (em Mendes, interior do Rio).

— Fiz as mesmas perguntas sobre sexo, geração, religião, homossexualismo e racismo. É interessante ver que as culturas locais se sobrepõem à religiosidade — conta Berliner. (Colaborou Helio Hara)